

Bolsonaro se diz perseguido e defende anistia a golpistas

ATO NA PAULISTA

Sem ataques à democracia, ex-presidente falou em pacificação do Brasil e pediu penas mais brandas para condenados

Bolsonaro defende anistia a extremistas

RENATO SOUZA, ALINE BRITO

Em um ato que reuniu centenas de milhares de pessoas na Avenida Paulista, na tarde de ontem, o ex-presidente Jair Bolsonaro fez uma demonstração de força política. O intuito foi destacar que ainda tem capacidade de arrastar multidões de apoiadores e tem ao seu lado deputados, senadores, religiosos e governadores. No entanto, por outro lado, ao contrário do que fez durante a campanha eleitoral e em seus quatro anos de governo, o político moderado no discurso, deixou de atacar as instituições e defendeu anistia para os extremistas condenados por participação nos atentados de 8 de janeiro em Brasília. Jair Bolsonaro discursou por cerca de 25 minutos na maior avenida de São Paulo, que estava com cerca de 5 quarteirões ocupados por manifestantes. Em cima de um trio elétrico, afirmou que pretende "pacificar o Brasil" e falou em "passar uma borraça no passado". Além do ex-presidente, compareceram ao ato o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, o governador de Minas Gerais, Romeu Zema, a vice-governadora do Distrito Federal, Celyne Leão e deputados como Nikolas Ferreira e Marco Feliciano. Além deles, o pastor Silas Malafaia, apontado como o grande organizador do ato, discursou e proferiu ataques contra o Supremo Tribunal Federal (STF). Os filhos de Bolsonaro, Eduardo, Flávio, Jair Renan ou Carlos Bolsonaro, que geralmente estão nas manifestações convocadas pelo pai, não estiveram presentes. Eduardo publicou nas redes sociais uma mensagem dizendo que não conseguiria chegar a tempo em razão do atraso em um voo.



Manifestação em São Paulo ocupou cerca de cinco quarteirões da Paulista. Governadores, religiosos e parlamentares compareceram ao evento

Bolsonaro começou citando a facada que levou em Juiz de Fora, em Minas Gerais, por parte de Adélio Bispo, a quem ele chamou de "militante do Psol", relembrando alguns feitos do governo na época em que estava na Presidência, e pediu que deputados e senadores aprovassem um projeto para anistiar os participantes dos atentados de 8 de janeiro. "Por parte do Parlamento brasileiro, [deputados] Nikolas [Ferreira], [Luciano] Zucco, [Marco] Feliciano, meus colegas aqui do lado, é uma anistia para aqueles pobres coitados que estão presos em Brasília. Nós não queremos mais que seus filhos sejam grávidos de pais vivos. Nós já anistiamos,

no passado, quem fez barbaridade no Brasil", declarou. Ele defendeu que os condenados que, comprovadamente, vandalizaram patrimônio público sejam obrigados a pagar pelos prejuízos que causaram, mas que sejam liberados. Sem citar os ministros do Supremo, ele reclamou das penas, que disse serem excessivas. "Quem porventura depredou patrimônio, que nós não concordamos com isso, que paguem. Mas essas penas fogem ao mínimo da razoabilidade. Nós não podemos entender o que levou poucas pessoas a apertarem tão drasticamente esses pobres coitados que estavam lá no 8 de janeiro de 2023", completou.

Bolsonaro também se disse vítima de perseguição. "Passei quatro anos sendo perseguido enquanto presidente da República... Sai do Brasil e essa perseguição não terminou. É joia, é importunação de baleia, é diabinheiro que teria mandado para fora do Brasil", completou. Durante toda a fala, Bolsonaro evitou citar as investigações da Polícia Federal, comentar as acusações que pesam contra ele no inquérito que corre na Suprema corte ou citar diretamente os nomes dos magistrados. No entanto, no final do discurso, ele citou a minuta

encontrada na sede do PL, na área em que ele despachava, em Brasília. Nas declarações, reconheceu a existência do documento, que seria usado para decretar estado de sítio, mas negou que seja de tor golpista. O ex-presidente afirmou que o rito para se decretar estado de sítio depende do Congresso Nacional e que os procedimentos previstos na Constituição não foram realizados. "Continuam me acusando de golpe. Agora o golpe é porque tem uma minuta de um decreto de Estado de Defesa. Golpe usando a Constituição? Tenham a santa paciência. Golpe usando a Constituição. Deixo claro que o estado de sítio começou com o presidente da República

convocando os conselhos da República e da Defesa. Isso foi feito. Não. Apesar de não ser golpe estado de sítio, não foi convocado ninguém dos conselhos da República e da Defesa para se colocar no papel a proposta de estado de sítio", completou ele. Um dos participantes do ato foi o presidente do Partido Liberal (PL), Valdemar da Costa Neto, que também é alvo do mesmo inquérito que Jair Bolsonaro por suspeita de organizar um golpe de Estado. Por determinação do ministro Alexandre de Moraes, nenhum dos dois pode conversar com os demais investigados. Ou seja, Bolsonaro e Valdemar não podem se comunicar, sob risco de serem alvos de mandados de prisão preventiva. Enquanto Valdemar discursava na manifestação bolsonarista, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) esperou dentro de um carro. Para evitar contato com o ex-chefe do Executivo, o cacique do partido subiu ao palanque por volta das 13h. Segundo fontes ouvidas pela reportagem, Bolsonaro ficou dentro do veículo com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e o deputado federal Luciano Zucco (PL-RS). Também são alvos do inquérito o general Augusto Heleno e o ex-ministro da Justiça Anderson Torres. Eles não compareceram ao evento. Ao Correio, um dos advogados de Bolsonaro afirmou que sequer sabia da presença de Valdemar no ato, mas garantiu que está "tudo sob controle". De acordo com a defesa do ex-presidente, "as decisões do ministro Alexandre estão sendo rigorosamente observadas". "Tudo está sendo cumprido, como sempre foi. Bolsonaro e Valdemar estão em lugares separados e não vão ter contato. Tudo está controlado, é um ato pacífico", assegurou.

Aliados moderaram discursos, mas Malafaia ataca o STF

VICTOR CORREIA, ALINE BRITO

Parlamentares, governadores e outros aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro também marcaram presença em manifestação ontem na Avenida Paulista. No trio elétrico, as falas foram contidas, como orientado pelo entorno do ex-presidente. A exceção foi o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo. O religioso não poupou ataques ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ao começar seu discurso, Malafaia ressaltou que não iria atacar o STF ou outras organizações. "Quando você ataca uma instituição, você é contra a República e o Estado Democrático de Direito", pontuou. Logo depois, porém, citou que existe uma "engenharia do mal" para prender Bolsonaro e o classificou como o político mais perseguido da história brasileira. Segundo o religioso, Bolsonaro tentou apaziguar a relação com o ministro do STF, mas foi atacado. "Alexandre de Moraes disse que a extrema-direita tem que ser combatida na América Latina. Como um ministro do STF tem lado? Ele não tem que combater nem a

extrema direita, nem a extrema esquerda", pontuou. Malafaia também defendeu os questionamentos feitos por Bolsonaro às urnas, e classificou como "dobeche" a multa de R\$ 22 milhões aplicada por Moraes, após Valdemar Costa Neto divulgar uma pesquisa que contestava o funcionamento dos dispositivos. Dirigindo-se a Bolsonaro, o pastor também citou a possibilidade de o ex-presidente ser preso pela PE. "Se eles te prendem, você vai sair de lá exaltado. Se eles te prenderem, não vai ser para a sua destruição, mas para a destruição deles", enfatizou, dizendo ainda que não tem medo de ser preso por sua fala. Michelle Bolsonaro, por sua vez, fez um discurso mais contido. A ex-primeira-dama se disse emocionada por ver o "exercício de Deus" nas ruas, e agradeceu o apoio de Malafaia na organização do evento. "Fomos negligentes a ponto de dizer que não se pode misturar religião e política. A ex-primeira-dama se destacou. Ela também orou em apoio a Israel — a oposição vem atacando o presidente Lula após as críticas que fez à atuação israelense na Faixa de Gaza.

Representação Em seguida, o deputado federal Gustavo Gayer (PL-GO) citou a presença de 100 deputados federais — sendo a grande maioria de seu partido — no evento. "Nesse momento, eles estão com medo. Eles estão a portas fechadas conversando entre eles se o Brasil vai ser mesmo resgatado, se eles vão mesmo dar conta de parar essa força que está crescendo no coração do povo brasileiro", discursou. Ele foi seguido pelo também deputado Nikolas Ferreira (PL-MG). "O nosso inimigo ficou 12 anos como persona non grata tentando a Presidência da República, e ele conseguiu depois de 12 anos. Nós não temos o direito de ter menos resistência do que o nosso inimigo", frisou. Já o senador Magno Malta (PL-ES) citou que os Três Poderes precisam coexistir "sematropelos". "Nenhum ditador do mundo ataca Israel. Nenhum deles teve a ousadia de tocar no genocídio de seis milhões de judeus mortos. Aquele que hoje está na Presidência da República, no poder, teve a pachorra de tocar na memória dos inocentes", disparou o senador. Também teve destaque a fala do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, cotado como o



Um dos organizadores do evento, Silas Malafaia disparou contra o Supremo e disse não temer prisão

principal candidato do bolsonarismo para 2026. Tarcísio atribuiu sua projeção política a Bolsonaro, a quem disse não ser "apenas um CPF", mas líder de um movimento. "Minha gente, quem eu era? Eu não era ninguém. E o presidente apostou em pessoas como eu, como tantos outros que surgiram, que tiveram posição de destaque porque ele acreditava. Nunca pegou nada para si, sempre entregou o crédito para quem trabalhava com ele", enfatizou Tarcísio. Também participaram os governadores Romeu Zema (Minas Gerais),

Ronaldo Caiado (Goiás) e Jorge Meirelles (Santa Catarina). O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, esteve no trio elétrico, mas optou por não discursar. Bate-volta O senador Jorge Seif (PL-SC) estava em viagem oficial aos Emirados Árabes Unidos e voltou ao Brasil para participar da manifestação bolsonarista. Inicialmente, o parlamentar iria de Dubai para Lisboa, onde vai participar do evento da Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL), mas fez

um bate-volta à capital paulista, que custou R\$ 32 mil, de acordo com informação disponível no Portal da Transparência. Ao Correio, Seif disse que tem "zero constrangimento" em relação à alteração. "Toda viagem internacional é autorizada pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Ele autorizou e os custos não foram pela conta parlamentar, mas pelo próprio Senador", afirmou. O Correio procurou a assessoria do senador Rodrigo Pacheco, mas não recebeu retorno até o fechamento desta matéria.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Página:** 2